



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**Reflexões sobre o que é o “ser preto”: os desafios e dilemas do reconhecimento de uma
identificação racial num país miscigenado.**

Amanda de Lelis Fernandes Dourado

Letícia Isabela Lindolfo Araújo

Brasília

2020



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**Reflexões sobre o que é o “ser preto”: os desafios e dilemas do reconhecimento de uma
identificação racial num país miscigenado.**

Amanda de Lelis Fernandes Dourado

Letícia Isabela Lindolfo Araújo

Relatório Final de pesquisa de Iniciação
Científica apresentado à Assessoria de Pós-
Graduação e Pesquisa.

Orientação: Professora Valéria Deusdará
Mori.

Brasília

2020

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer primeiramente às nossas mães, que são nossas modelos e muito nos apoiaram ao longo do processo de pesquisa. Agradecemos também ao UniCEUB e à assessoria de pesquisa pelas orientações e por estarem sempre à disposição. E claro, aos nossos participantes de pesquisa, que foram extremamente colaborativos e que puseram em nós a confiança para compartilhar partes sensíveis de suas vivências como pretos.

Por fim e não menos importante, agradecemos à nossa orientadora, Valéria Mori, por toda a sua sabedoria e ensinamentos em relação a Teoria da Subjetividade, que deixou marcas permanentes no nosso percurso acadêmico.

Sumário

Resumo.....	6
Introdução.....	7
Objetivos.....	8
Justificativa.....	9
Fundamentação Teórica.....	10
Método.....	16
Método construtivo-interpretativo.....	16
Participantes.....	16
Cenário de Pesquisa.....	17
Instrumentos.....	17
Análise e Construção da informação.....	17
Procedimentos Éticos.....	17
Resultados e Discussão.....	19
A compreensão do colorismo.....	20
Cabelos crespos e corporeidade: identidade e aceitação.....	36
Considerações Finais.....	57
Referências.....	59

[...] o racismo é um crime perfeito no Brasil, porque quem o comete acha que a culpa está na própria vítima. Além do mais, destrói a consciência dos cidadãos brasileiros sobre a questão racial. Nesse caso é um crime perfeito.

(Kabengele Munanga)

Resumo

Letícia Isabela Lindolfo Araújo – UniCEUB, PIBIC-FAP/DF, aluna bolsista.

leticia.isabela@sempreceub.com

Amanda de Lelis Fernandes Dourado – UniCEUB, PIBIC-FAP/DF, aluna voluntária.

amanda.dourado@sempreceub.com

Valéria Deusdará Mori – UniCEUB, professora orientadora

valeria.mori@ceub.edu.br

O objetivo deste estudo é compreender a influência da miscigenação racial nos processos subjetivos sociais e individuais e sua expressão no contexto familiar. A ação colonizadora resultou em um cenário de intensa miscigenação, devido a isso os brasileiros possuem em sua árvore genealógica diversos grupos étnicos. Em meio a esses grupos predomina a descendência preta, fazendo com que o Brasil seja considerado uns dos maiores países com influência cultural africana. No entanto, o reconhecimento de uma identificação racial em um país miscigenado envolve uma série de questionamentos, pensando nisso essa pesquisa propõe-se debater sobre as questões que rodeiam a declaração racial levando em consideração a categoria subjetividade, que se configura na articulação inseparável do simbólico com o emocional, e enfatizando os processos subjetivos sociais e individuais relacionados a essa experiência. De forma mais específica, foram realizadas dinâmicas conversacionais com 3 participantes de forma individual. As informações e experiências compartilhadas nessas dinâmicas foram organizadas em dois tópicos: (1) A compreensão do colorismo; (2) Cabelos crespos e corporeidade: identidade e aceitação. Os resultados indicaram que o processo de identificação racial e autodeclaratório ocorre em meio a uma série de questionamentos não apenas por parte do próprio indivíduo que vivencia, mas também das outras pessoas ao seu redor. Além disso, a partir das dinâmicas realizadas foi possível perceber a influência e o papel do contexto familiar no percurso de significação do que é ser preto no contexto brasileiro. Outro episódio muito significativo foi a consciência dos participantes quanto a pigmentocracia e as diferentes formas de expressão do racismo. A fuga da negritude foi, por muito tempo, incentivada por grande parte da sociedade. Nesse sentido, percebemos que ser negro, ainda que de pele clara, traz conflitos e vivências enraizadas socialmente que desencadeiam na realidade desses indivíduos uma espécie de não pertencimento e inadequação racial.

Palavras-chave: Autodeclaração, Colorismo, Teoria da Subjetividade, Miscigenação.

As discussões sobre relações raciais no Brasil são repletas de questionamentos. Por se tratar de um país miscigenado, a noção de que não há uma diferenciação racial entre os brasileiros ainda é difundida por muitos. Além disso, definir quem é preto em um país que desenvolveu o desejo do branqueamento na sua história não é fácil, tornando a questão do processo de identidade do negro dolorosa. Nessa pesquisa, tendo como referência a categoria da subjetividade (González Rey, 2005; González Rey & Mitjans Martínez, 2017), pretende-se discutir sobre como se configura o processo de autodeclaração racial, considerando o papel do contexto social e da história de vida na configuração desse processo que é uma expressão da complexa constituição da subjetividade social e individual.

É oportuno destacar que a ideia de que a miscigenação negaria a hierarquização de grupos humanos e daria início a uma identidade social mestiça e, portanto, inclusiva, tem sido categorizada como “o mito da democracia racial” ou como a “ideologia da mestiçagem”. Essa ideia contribui para a produção de uma convicção específica sobre a identidade nacional, na qual não faz referência específica a nenhum dos seus grupos de origem, mas ainda se considerando como integracionista. É neste contexto que se identificar racialmente se transforma em um processo árduo e singular para cada pessoa. (Munanga 2019; Monagreda, 2017).

Considerando a subjetividade humana como inseparável do mundo simbólico, cultural e afetivo no qual ela emerge, e destacando processo em que as produções simbólicas se configuram subjetivamente nos atores sociais (González & Mitjans Martínez, 2017); para alcançar uma boa compreensão sobre o processo discutido, as experiências pessoais dos participantes foram valorizadas na pesquisa. Com base nisso, o processo familiar étnico produzido a partir da história dos participantes terá um papel importante. A família aqui será vista como parte de um sistema dinâmico e comunicacional em interação com diversos contextos, onde há compartilhamento de sentimentos e valores. Dessa forma, almeja-se a

compreensão da maneira como o indivíduo se apropria dessas significações nas quais se relaciona em seu núcleo familiar para formar a sua identificação racial, constituindo, assim, um novo tipo de processo humano. (Dias, 2011; González Rey & Mitjans Martínez, 2017).

Propõe-se aqui debater sobre as questões que rodeiam a declaração racial, enfatizando os processos subjetivos sociais e individuais em meio a este evento. Pois, ainda que estejamos inseridos em uma totalidade de multiculturalismo, as influências dos discursos sobre a inferioridade da população negra ainda perpetuam em nossos meios sociais. E o processo de miscigenação no Brasil foi inicialmente amparado por esse aspecto.

Trata-se de um estudo baseado na Epistemologia Qualitativa proposta por Fernando González Rey (2005), através de uma perspectiva histórico-cultural. Para que, assim, seja possibilitada a reflexão sobre o fenômeno da autodeclaração a partir da perspectiva vivencial do seu desenvolvimento nos processos individuais e tendo em vista os processos culturais e de socialização que se manifestam.

Objetivos

Objetivo geral

Analisar a influência do processo de miscigenação no reconhecimento racial dos indivíduos inseridos nesse contexto.

Objetivos Específicos

Discutir sobre o contexto histórico da miscigenação; verificar a influência das relações familiares perante a identificação racial; Compreender o processo de autodeclaração; Identificar os contextos nos quais o processo de identificação racial é significado.

Justificativa

Grande parte da sociedade brasileira se autodenomina parda, e já foram criados no Brasil uma amplitude de adjetivos para a designação racial, mas o que está por trás desses termos?

A construção do sistema racial brasileiro denota que a miscigenação seja uma espécie de ponte transcendente, de maneira na qual a tríade branco-índio-negro presente na árvore genealógica do seu povo se transformasse em uma unidade fundadora da nacionalidade. Assim se origina o mito da democracia racial, que dissemina a crença de que não somos nem pretos, nem brancos, mas sim mestiços (Munanga, 2019).

Há muito tempo a miscigenação vem sendo discutida e argumentada de diversos ângulos, desde os movimentos sociais e de combate ao racismo aos argumentos voltados às imagens difundidas da população negra como inferiores. No entanto, não é objetivo desta pesquisa a atribuição valores positivos ou negativos ao processo de miscigenação, mas articular a discussão sobre o processo da significação na identificação racial vinda de indivíduos inseridos nesse contexto social.

Fundamentação Teórica

O fracionamento das identidades, a auto rejeição e a negação do racismo acompanham há anos o cenário brasileiro. O anseio pelo embranquecimento da população pode ser notado inclusive nas leis antigas de imigração. O Decreto de 8 de junho de 1890 dizia que “É inteiramente livre a entrada nos portos da República dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho [...] excetuados os indígenas da Ásia ou da África, que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos” (Nascimento, 1978, p. 71).

Essa medida tinha como objetivo impedir legalmente o ingresso de negros e asiáticos no país com o intuito de facilitar e preservar as características europeias da população. Embora essa busca não tenha sido concluída com sucesso, a internalização da imagem negativa do negro se perpetuou durante muito tempo na sociedade brasileira. A procura de identificação com o branco e a negação das características fenotípicas que não se assemelham ao padrão europeu são exemplos dos resquícios que continuam sendo trazidos da rejeição do povo preto no Brasil.

Viver em uma sociedade composta de multiculturalismo, cujo contexto histórico foi construído pela violação dos povos nativos e da própria terra, pode trazer à tona a falta do sentimento de pertencimento, conforme discorre Hall (2003) “Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas.” (p. 30). Em vista disso, considerando que os processos subjetivos são indissociáveis de questões sociais e culturais essa falta de pertencimento pode levar ao sofrimento e à dificuldade de se identificar como parte de algum grupo (González Rey, 1997).

A ideia de inferioridade foi transpassada para os indivíduos negros pelos colonizadores relacionando todos os aspectos que compõem a cultura como negativos.

Assim, o colonizado é modelado de maneira que a sua desvalorização seja aceita como algo natural. Isto serve como via de ocultamento para experiências nas quais os seus costumes não são repudiados, impedindo que diferentes vias de sentido sejam expressas no que diz respeito aos costumes da sua cultura original. Diante desse quadro, se cria tentativas de sair desse contexto para conseguir a aceitação da sociedade branca na qual foram inseridos. Uma delas, por meio do embranquecimento movido ao desejo da miscigenação com o objetivo de melhoria à própria raça (Munanga, 2015).

Essa ideia de melhoria foi amplamente difundida no Brasil pelos próprios abolicionistas, que argumentavam que a migração do homem branco seria forma de amenizar as características negras no país:

Os abolicionistas, que defenderam a imigração de homens ‘brancos’, argumentavam que essa seria uma forma de uniformizar o espectro racial brasileiro, isto é, a miscigenação entre as populações do Brasil e os imigrantes europeus conduziria à diluição dos caracteres “negróides” em poucas gerações. Estavam de acordo a este respeito o tenente Antônio de Oliva, que propôs prêmios para os “brancos” que casassem com “pretas” ou “indígenas (...) (Matos, 2018, p. 287).

Assim, no contexto brasileiro a partir do século XX, as relações inter-raciais encontravam-se num âmbito de extremo valor. A ideia de que a miscigenação seria o passo primordial para a democracia racial foi difundida pelo Brasil, que passou a enaltecer o mestiço de pele clara. O censo de 1940, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi o único que não incluiu uma categoria racial relacionada à mestiçagem. Neste censo, os brancos passaram a ser maioria alcançando mais de 63% da população e os negros formaram 35,8%, o que destaca a influência do processo de branqueamento no Brasil (Matos, 2018).

O discurso colonial construiu uma estrutura na qual o racismo se encontra de maneira intrínseca ao tecido social, atualmente ainda se pode notar vários estereótipos racistas em ditos populares, como por exemplo “cabelo ruim” ou “serviço de preto”. A persistência dessas representações negativas respaldada por uma visão eurocêntrica e monoculturalista tem como resultado o impedimento da formação da identidade do negro fora de um parâmetro ético-moral negativo associado com incompetência, preguiça e malandragem (Silva, 2016; Santos, 2015). Dessa forma, a identidade do negro foi imersa a valores e costumes de uma sociedade eurocêntrica, na qual aliena essa população inclusive em relação às suas referências históricas já que a implantação da escravidão conduziu à ocultação e transfiguração da história africana, e também da própria história dos africanos escravizados.

A identidade negra foi constituída no contexto brasileiro com base da exploração colonial e da participação desigual dessa população na sociedade após a abolição da escravatura. A destruição da consciência histórica desses indivíduos foi pensada de maneira estratégica pela sociedade escravista, com o propósito de enfraquecer seus laços culturais e evitar rebeliões. O conhecimento sobre sua história sustentaria o sentimento de pertencimento a uma comunidade, a ideologia formada pela elite foi caracterizada pelo ideal do branqueamento e amparada pela divisão de negros e mestiços e o alienamento do processo de identidade de ambos (Silva, 2016; Munanga 2019).

Peter Wade (2005) realizou uma pesquisa de campo na Colômbia sobre a ideologia da mestiçagem na América latina, o autor disserta que encontrou questões interessantes nas aulas ministradas de Burdick sobre questões de raça, classe e consciência negra. É acrescentado que também ocorreu nesse contexto uma valorização da ancestralidade branca que significava os laços pessoais familiares:

(...) Burdick perguntou por que ela não se chamava negra, alinhando-se como a mãe, e ela respondeu: "Porque eu não sou. Eu sou uma mistura. Minha mãe era negra. Se eu dissesse que eu sou negra, o que isso diz sobre meu pai?" (Wade, 2005, p. 253).

Para a participante da pesquisa do autor fundir suas origens em uma só significaria excluir sua outra descendência de modo em que suas raízes perdem significado. Wade (2005) prossegue com o raciocínio:

(...) A mestiçagem era uma realidade cotidiana para eles, uma realidade das genealogias familiares, das histórias pessoais, das relações de sexo, do amor paterno e o amor do filho ao pai (e sem de dúvida do conflito). A mestiçagem não era apenas uma 'Ideologia abrangente da exclusão', ou uma questão de discursos da elite, mas uma prática cotidiana em que a inclusão não era apenas retórica, mas uma realidade vivida (p. 253).

Tendo em vista essa discussão, é importante refletir que a família é concebida como primeiro espaço onde a criança inicia a constituição de sua identidade, onde há a formação psicossocial do grupo familiar. Tendo, desse modo, função de matriz da identidade a partir da introdução do sentido de pertencimento ao ter um nome, participar de uma relação de parentesco numa relativa delimitação de sua autonomia; e afastamento, ao participar de outros contextos familiares (Minuchin, 1982).

Contudo, é vista uma tendência de simplificar o sistema familiar ao compreender a família como a menor parte de uma sociedade, o microssistema que precede os maiores (vizinhança, escola, trabalho, cultura) numa troca constante de influências (Bronfenbrenner, 1996). Mas a família não é apenas a camada mais interna da cebola chamada cultura. É antes de tudo um sistema linguístico dinâmico e fluido, onde os significados e entendimentos se constituem em uma experiência social e intersubjetiva.

Prova do dinamismo do sistema familiar são as diferentes configurações que a família brasileira vem tomando devido à industrialização, avanços tecnológicos, urbanização, saída da mulher do ambiente doméstico e mudanças de valores culturais. Verificou-se a diminuição do número de filhos, aumento no número de divórcios, surgimento de famílias homoafetivas. Conforme a realidade sociocultural se transforma, as famílias também se transformam continuamente e imprevisivelmente (Minuchin, 1982, Dias, 2011). E é neste sistema de símbolos, que não se limita apenas à linguagem ou ao texto escrito, adicionado ao fator emocional que se floresce a subjetividade: uma realidade que ultrapassa a realidade discursiva (Goolishian, 1988; González Rey & Martínez, 2017).

Ao se levar em consideração, então, os diferentes contextos socioculturais nos quais os indivíduos estão inseridos, podemos pensar que há diferentes graus de consciência em relação à própria história no que diz respeito ao reconhecimento da negritude. O termo “negritude” não é relacionado aqui apenas à cor da pele, mas ao reconhecimento racial dos indivíduos conscientes do processo histórico de tentativas de desumanização e apagamentos culturais sofridos pelos seus antepassados. O processo de inferiorização da história negra ocupa grande parcela de interferência no contexto de reconhecimento de si mesmo como negro, que se inicia pela aceitação de suas características físicas e depois alcança outros aspectos relacionados à essa significação, nos quais envolvem toda a sociedade e o meio onde o indivíduo está mais próximo de convívio (Munanga, 2015; González Rey, 2005).

O processo de construção identitária é concebido dentro de um contexto histórico, sendo ele desenvolvido a partir de trocas e aprendizados em sociedade como forma de se situar no mundo. Dessa forma, a construção da subjetividade é produzida a partir das tensões nos espaços sociais a todo momento, e no que se refere ao reconhecimento racial a reflexão a respeito disso está amparada culturalmente:

O ser negro no Brasil é resultado de uma construção social impregnada por ideologias racistas, sem consistência biológica. Os “cabeças pensantes” da sociedade, fazendo uso da ciência e da produção acadêmica – sempre dinâmicas e que têm como desígnio acompanhar as mudanças e transformações da sociedade na busca por atender às necessidades sociais, políticas e econômicas de seu tempo – são os responsáveis pela produção ideológica e por sua manutenção (Pereira, 2010, p. 87-88).

As significações dos eventos que acompanham toda a existência dos indivíduos são assimiladas de maneira individual e única, essas significações são produzidas por meio de processos subjetivos, e são elas que conduzem a compreensão dos fenômenos que transpassam a existência do ser. A compreensão ampla dos fenômenos humanos por meio da categoria subjetividade, está amparada a uma perspectiva cultural-histórica que busca se desviar das simplificações que rodeiam esses fenômenos. A subjetividade, portanto, permite o vislumbre da diversidade de dimensões que acompanha os processos humanos (González Rey, 1997).

Diante dessas imposições sociais e tentativas de justificar o obscurecimento da subjetividade da pessoa negra, ocorre a ressignificação constante de si mesmo, pois a subjetividade também se constitui através do confronto (Pereira, 2010; González Rey, 2005). Considerando essas implicações, esse trabalho buscou se aprofundar nas questões que envolvem o ser preto no Brasil e as suas implicações.

Método

Método construtivo-interpretativo.

Foi escolhida para a pesquisa o método Construtivo-Interpretativo, baseada na epistemologia qualitativa criada por González Rey (2005). Desta forma, se trata de uma perspectiva epistemológica de caráter construtiva-interpretativa, tendo como pressuposto que o conhecimento é uma construção do pesquisador, que articula teoria e momento empírico, de maneira que a produção de conhecimento nunca se encerra completamente. Abrindo, assim, novas possibilidades de significação a partir da produção intelectual na pesquisa.

Essa perspectiva se opõe ao estudo descritivo da realidade, uso de categorias universais e o instrumentalismo ateuórico das ciências positivistas ao olhar os fenômenos psicológicos. Evidencia que os processos subjetivos são caracterizados pela sua complexidade, desta forma a realidade se caracteriza como um processo dinâmico de produções humanas que nunca se encerra. Sendo assim, o pesquisador deve aceitar o fato que não encontrará definição definitiva para os fenômenos psicológicos presentes no recorte de realidade onde está inserido. (González Rey, 2005).

Outro pressuposto desta metodologia qualitativa é da legitimação do singular como fonte de conhecimento. Ou seja: as informações trazidas pelo caso singular são legitimadas a partir da articulação teórica feita pelo pesquisador, construindo um modelo de compreensão que se perpetua numa articulação entre o teórico e o empírico (González Rey, 2005, p. 11).

E por fim, deve-se entender que a pesquisa se caracteriza como um processo dialógico. Desta forma, a comunicação é um meio privilegiado para conhecer os diferentes processos emocionais e simbólicos que se configuram individualmente e socialmente.

Participantes

Os participantes da pesquisa foram três indivíduos que se autodeclararam negros. Um dos critérios foi a participação de um núcleo familiar mestiço durante o seu desenvolvimento. É

importante destacar que não era necessária consanguinidade na esfera familiar. O importante foi ressaltar a maneira na qual essa relação atravessou a sua identificação racial.

Cenário social da Pesquisa

Foram marcadas quatro sessões de dinâmica conversacional com cada participante. As dinâmicas foram gravadas com a permissão prévia dos participantes de pesquisa e após a assinatura no TCLE, evitando perda de informações.

Objetivando o processo do diálogo como um meio de validação do conhecimento, o cenário social da pesquisa precisa ser ao mesmo tempo acolhedor e gerador de interação entre pesquisador e participante. Assim sendo, as dinâmicas conversacionais foram feitas na residência dos participantes de pesquisa ou em locais públicos de fácil acesso para ambos.

Instrumentos

O instrumento utilizado foi a Dinâmica Conversacional de modo a que os participantes se sentissem à vontade para contar as suas experiências. A conversação permite a expressão livre e aberta do participante de pesquisa, facilitando o acesso à realidade do contexto de pesquisa através do diálogo. Desta forma, “o pesquisador desloca-se do lugar das perguntas para integrar-se na dinâmica de conversação” (González Rey, 2005, p. 45).

Análise e Construção da informação

A construção da informação foi feita a partir da análise dos indicadores presentes nos diferentes modos de expressão dos participantes de pesquisa, durante o processo dialógico entre pesquisador e participante. O diálogo permite que o pesquisador perceba indicadores, que são construções hipotéticas iniciais, que permitirão novas construções teóricas para a possibilidade de compreensão do processo subjetivo (González Rey & Mitjás Martínez, 2017).

Procedimentos éticos

O presente projeto de pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário de Brasília.

Foram desenvolvidos três diferentes Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada participante visando a melhor compreensão possível por parte dos participantes.

Resultados e Discussão

A pesquisa foi realizada em diferentes momentos com cada uma das 3 pessoas a partir de dinâmicas conversacionais, a faixa etária dos participantes foi de 20, 21 e 36 anos. Após serem formalmente convidados a participar da pesquisa e de concederem seu tempo para a mesma foi apresentado o TCLE. Todo o diálogo foi gravado após a autorização dos mesmos, para que depois fosse analisado como instrumento da pesquisa concomitantemente com as anotações feitas durante o encontro. Os encontros possuíam a duração de aproximadamente uma hora, respeitando sempre a disponibilidade do participante.

Durante as dinâmicas conversacionais buscou-se compreender de que maneira os indivíduos se apropriaram dos discursos raciais nos quais foram expostos durante a sua vida e de que forma esses acontecimentos refletiram na sua autodeclaração racial. Para isso, em o momento do diálogo as pesquisadoras se atentaram em todas as expressões nas quais pudessem facilitar a construção de indicadores.

A subjetividade é um processo fluído e dialógico que emerge nas mais variadas situações, não se definindo com um processo intrapsíquico. Sendo assim, sua produção e organização se desenvolve de maneira simbólico-emocional, de forma que a organização da subjetividade social e individual seja sucedida de maneira recíproca e contínua, se organizando em diferentes processos e sentidos durante a história da pessoa. Como já dito antes, o diálogo é um recurso privilegiado para o estudo da subjetividade permitindo que a partir dele seja elaborada a construção de indicadores que possibilitam a compreensão sobre a produção de sentidos em meio a determinado fenômeno.

Dessa forma, considerando que cada pessoa subjetiva os acontecimentos da sua vida de maneira única e singular pretende-se que em primeiro momento seja abordado um relato geral das dinâmicas com os participantes de forma a que seja exposto o que cada um três traz em comum durante os diálogos mesmo que nenhum deles tenham se conhecido. E, após essa

apresentação destacar como o processo de auto declaração racial ocorreu de forma peculiar e significativa em cada um dos casos. Com base na análise das informações da pesquisa foi possível construir três eixos de análise: 1) A compreensão do colorismo; 2) Cabelos crespos e corporeidade: identidade e aceitação.

1) A compreensão do colorismo.

O corpo ocupou espaço primordial no processo de reconhecimento como pessoa negra, a aceitação de traços como o cabelo e o nariz, por exemplo, se destacaram dentro dos seus processos de pertencimento étnico. No entanto, o termo “pardo” aparece diversas vezes durante os processos de identificação racial dos participantes. É expressado um certo incômodo diante dessa conotação, como se fosse algo marginalizado e que não os incluíssem em um grupo no qual se identificam.

Pesquisadora: Você trouxe várias pessoas que você carrega admiração, uma delas foi o Jean que você falou que você admira por ele estar sempre se afirmando racialmente. Como é a sua forma de se reafirmar? Como você carrega isso?

Ramon: (...) uma questão que eu acho bem delicada é que às vezes você parece não ser negro o suficiente, eu não sou bom para ser branco e não sou bom para ser negro. Então porque eu não sou escuro eu não sou negro? Eu sou sim! E aí você tem que se reafirmar pro branco e pro negro e você fica tipo: “Caramba o que eu sou?”. Agora cada tom de cor vai ter que se reafirmar? Aí entra pardo, marrom, mulato, moreno.

Pesquisadora: E como que é para você esses termos?

Ramon: Eu queria que não existisse eu não me identifico com esses termos, eu sou negro. Mas aí me incomoda quando eu falo que sou negro e me chamam de moreno ou pardo. Cara, pardo? Pardo é aquele envelope. Eu já fiquei com meu braço perto daquele papel e eu não tenho essa cor, então porque eu sou pardo?

Como mencionado anteriormente, a subjetividade é configurada em um sistema complexo não se limitando somente a instância pessoal. A subjetividade individual e a subjetividade social são duas dimensões dinâmicas que trabalham reciprocamente durante a história de vida da pessoa, esses são processos que permanentemente se associam, contradizem ou confrontam. Em relação ao trecho acima, podemos perceber diferentes processos subjetivos que se configuram de maneira contraditória em Ramon quanto a sua identidade negra se dando em meio a suas relações sociais o que evidencia a forma como a subjetividade social tem efeitos nos processos da subjetividade individual. A partir da sua afirmação na qual diz que preferiria que esses termos não existissem já podemos perceber um indicador dos processos contraditórios e excludentes da subjetividade social, de que mesmo com a autoafirmação quanto a sua etnia, a negação que pode ocorrer tanto de pessoa brancas como de pessoas negras é geradora de incômodo.

O mesmo desconforto aparece também na fala da participante Beyoncé:

Pesquisadora: (...) você já passou por momentos em que as pessoas duvidassem da sua autodeclaração?

Beyoncé: Eu acho que a palavra “negro” está associada literalmente a cor da pele para as pessoas, entendeu? E não a uma etnia e causa e aí tipo isso gera um conflito muito grande nas pessoas quando você já tem a pele mais clara, aí você já não é mais considerado negro, entendeu? (...) houve uma época que eu real, eu duvidei de mim, eu me olhei no espelho e comecei a me perguntar que talvez eu fosse branca. E aí foi um momento que eu fiquei mal sobre as coisas que eu fazia, eu fiquei realmente duvidando de mim. Só que aí eu acho que seria muito injusto com todos os processos que eu vivi, eu virar e falar que eu sou branca. Branca eu não sou, eu posso ser alguma coisa, mas branca eu sei que eu não sou, entendeu? Não dá eu não consigo me encaixar. Eu não estou nos locais brancos e eu não me encaixo ali. E eu passei muito

tempo da minha vida sofrendo porque eu não estava ali, e aí agora que eu me encontro em um local e eu não tô ali também, mas eu não tô em outro lugar, então eu não estou em local nenhum. (...). É chato, é chato você ter que ficar se entendendo. Eu tô com tantos outros problemas.

Pesquisadora: Você está focando em outros aspectos da vida, né?

Beyoncé: Sim, eu estou focando em outras coisas. É claro que é chato, é chato porque eu não estou em nenhum lugar, eu não me sinto à vontade. Se eu for em um rolê e tiver aquele menino do *twitter* e outras pessoas que falaram mal de mim eu não falo quando eu me senti à vontade. E eu não sinto também não me sinto à vontade nos rolês dos meus outros amigos que pode até ser mais divertido, mas na real às vezes só tem eu lá de negra, entendeu? E aí eu não me sinto à vontade em nenhum lugar (...) muitas vezes o que eu pensava muito era que se eu tivesse nascido branca de uma vez logo ia ser tão mais fácil, tipo o meu cabelo não ia dar trabalho, eu não ia ter que ficar passando pelo processo de pensar quem eu sou ou ter que ficar me defendendo na internet, ou ter que ficar ouvindo coisas que são desagradáveis. (...) eu fico pensando que se eu tivesse nascido branca de uma vez isso não estava rolando, entendeu? Às vezes dá preguiça é tão mais fácil a vida da pessoa que não pensam nada disso e só vivem.

Nesse momento do diálogo é possível perceber seu conflito diante a sua cor de pele e a falta de pertencimento em um grupo específico, reforçando o indicador produzido no trecho anterior. Os processos subjetivos sociais que atravessam a autodeclaração como pessoa negra no contexto brasileiro faz com que essas pessoas se sintam em uma espécie de limbo racial, onde se é escuro demais para ser branco e claro demais para ser negro. Esse é um exemplo do fenômeno do colorismo, no Brasil foi vendida a ideia de que quanto mais claro e distante da associação com os negros escravizados maior a possibilidade de um país reconhecido,

surgindo, assim, a necessidade de frear possíveis influências da imersão negra no país. Diante disso, inúmeros adjetivos foram criados para evitar o termo “preto” ou “negro”, quanto mais próximo do padrão fenótipo europeu mais o indivíduo seria tolerado em contextos majoritariamente brancos (Silva, 2017):

Pesquisadora: Você disse que em alguns episódios as pessoas falam que você não é negra o bastante para falar sobre racismo. Como é ouvir isso?

Clarisse: Quando parte de pessoas brancas, eu tento só explicar para eles que existe isso do colorismo. Que eu tenho traços negros, que por mais que minha pele seja mais clara eu sou negra. Normalmente eles entendem... Eu converso com pessoas que são próximas a mim, então são pessoas que tem um certo discernimento e conseguem entender, as pessoas que não conheço eu ignoro mesmo, por que eu sei que não querem aprender. Elas querem apenas criticar. Agora quando alguma pessoa que é negra fala isso, eu tento esperar um pouco para argumentar por que eu vejo que ela não está falando isso por algo em mim. Ela está falando pelo sofrimento dela. Ela está sofrendo tanto que ele não consegue ver que eu também estou sofrendo por esta questão mesmo sendo mais clara.

É interessante notar como a participante produz subjetivamente em relação às falas de um outro, ela tem recursos pessoais para não se sentir afetada diretamente e percebe nesse processo a dificuldade de compreensão de outros indivíduos em relação a sua vivência. Ela tem critérios próprios e não se subordina ao que é falado. Clarice também demonstra muita empatia em relação às pessoas mais escuras que ela e a sua vivência com o racismo. Diante de todo processo de embranquecimento social sofrido historicamente, a sociedade racista se orienta na base da pigmentocracia, ou seja, quanto mais escura a cor de pele da pessoa mais alvo de discriminação ela será. Embora o racismo se baseie na discriminação de diferentes origens étnicas, o

colorismo (ou pigmentocracia) surge como uma maneira de exclusão social daqueles que possuem uma tonalidade da pele mais escura. Sendo assim, como já dito anteriormente a tonalidade da pele é fundamental no tratamento que receberá socialmente (Silva, 2017).

Pesquisadora: Mas essa diferença de tratamento gera sofrimento para você? Percebo que você não demonstra isso na sua fala...

Clarisse: Ah.... Eu acho que isso de ser negro e de não ser negro, eu pesquisei tanto quando estava me identificando como negra que não me afeta mais. Quando você já pesquisou sobre isso, sobre miscigenação a primeira coisa que aparece é: você não é aceito em nenhum grupo. Então eu mesma já me resolvi nisso. Eu me afirmo como negra e é isso.

O colorismo também é trazido como forma didática de explicar a sua autodeclaração como negra. A mistura entre as raças ocasiona, portanto, no surgimento de tipos diferentes de discriminação. A valorização do negro com características físicas menos negróides ainda são visíveis na sociedade brasileira, estimulando e dificultando o desenvolvimento dos sentimentos coletivos de solidariedade e identidade nesse grupo (Silva, 2017).

Trata-se assim, assim, de uma forma de diferenciação da exclusão racial, a participante Beyoncé, por exemplo, conta que sua avó, apesar de ser mais escura, disse que a pele clara era símbolo de sorte:

Pesquisadora: E a sua família, eles te veem como negra?

Beyoncé: Então, a minha mãe sempre me considerou negra. Só que tipo, a pele da minha mãe é da mesma cor que a minha. Ela não tem muito entendimento, não estuda tanto, mas ela sempre me considerou negra e ela também se considera negra. (...) A minha avó tem a pele mais escura, mas ela vive falando coisas tipo “ah, você tem sorte, que você tem a pele clara mesmo você tendo os traços fortes, mesmo você tendo

um cabelo crespo você tem a pele mais clara. Você tem sorte”. Quando eu coloquei as tranças loiras, ela até falou: “tá vendo? Você tem que pintar seu cabelo de loiro que você até fica mais branquinha”. Ela tem esses pensamentos, porque a mãe da minha avó era branca e o pai dela era negro de pele escura mesmo. Ela reproduz esse tipo de coisa... eu acho que eu também reproduzia, por que ela já é mais velha e não têm entendimento, mas eu acho que eu também reproduzia esse tipo de pensamento antes. E aí hoje em dia, eu tenho conhecimento disso. Tenho conhecimento do que eu fazia comigo mesma. Entendeu?

Esse trecho carrega muito significado pois demonstra a reflexão da participante quanto ao sofrimento passado por sua avó, filha de mãe branca e pai negro, para enxergar a razão de seus próprios comportamentos discriminatórios contra si mesma. Ela parte dos tipos de sofrimento que sua avó passou por ter características físicas tão distintas de sua mãe branca e que provavelmente foi isso que fez a avó declarar que Beyoncé tinha sorte por ter meios de “ficar mais branquinha”, como foi dito no trecho acima.

Isso é uma informação valiosa no processo de pesquisa no sentido que fornece indicadores de que Beyoncé tenta refletir sobre sua própria história de vida para fugir de uma postura passiva diante do desafio e das dificuldades que sente durante o processo de autodeclaração. Mas não no sentido de se apoiar a causas externas para justificar as dificuldades, pois o trecho que fala de sua avó demonstra que os fatores externos que ela identifica ajudam para que reflita sobre seus próprios comportamentos para que possivelmente possa modificá-los.

Os processos que atravessam o racismo e o embranquecimento no Brasil são bem expressos neste ponto, a partir do trecho acima um indicador da subjetividade social da família de Beyoncé, em que para a avó enxergar Beyoncé como negra é negar a sorte da mestiçagem, já que as suas características menos negróides são vistas de forma muito mais

positivas pela mesma. É importante lembrar que a subjetividade social da família é atravessada pela subjetividade social dominante, e se pode notar a contradição explícita em como as relações raciais foram significadas pela avó e a mãe de Beyoncé. A participante demonstra a importância em saber da própria história para que se pare reproduzir esses preconceitos.

Em outro momento do diálogo a fim de explorar melhor essa hipótese, foi perguntado sobre a associação das características brancas à boa sorte:

Pesquisadora: Você falou para a gente que ela falava que você tinha sorte por ser mais clara e quando você começou a fazer a transição capilar e o seu cabelo começou a se mostrar crespo. Como é que foi que ela reagiu?

Beyoncé: A minha vó até hoje ela prefere o meu cabelo preso. Ela não gosta do meu cabelo... Teve um dia que eu fui fazer um trabalho na faculdade sobre transição capilar, e aí eu fui com meu cabelo enorme do jeito que eu gosto e quase sem definição, quando ela abriu a porta do meu quarto ela gritou "meu Deus, o que que é isso?" Ela falou desse jeito e eu "Para de falar do meu cabelo. Meu cabelo é assim! Ele não cai para baixo." Ela fica falando umas coisas assim "Meu Deus, passa mais creme, abaixa um pouco, eu gosto dele, mas não gosto dele tão alto assim" e ela não entende. Não dá! Ele é assim, é o meu cabelo. E eu gosto dele assim. Quando eu voltei a deixar meu cabelo cacheado, eu vivia de trança porque eu me sentia mais mulher com o cabelo grande. Então eu reconheci que eu tinha passado por toda transição capilar, mas eu não tinha passado de verdade ao mesmo tempo. Eu acho que a transição é interna também, não é só externa, não é só mudar o fio do meu cabelo, eu tinha que me sentir bem com ele.

Dois processos podem ser percebidos frente a esse contexto na família da participante: o de Beyoncé, que demonstra orgulho ao seu pertencimento racial e valorização de suas

características físicas como, por exemplo, o seu cabelo. E, o de sua avó que rejeita os aspectos relacionados à negritude e valoriza as características da neta que mais se aproximam do padrão branco.

Aqui percebemos que ao Beyoncé buscar compreender os motivos para os apontamentos de sua avó ela também busca se afirmar mais como negra para poder não perpetuar a ideia de que suas características negras seriam algo para ser disfarçado ou odiado. E comparar seus comportamentos aos de sua avó a permite expandir sua compreensão de que ainda buscava disfarçar sua negritude apesar de ter passado pela transição capilar. Ou seja, isso demonstra o quanto Beyoncé não visa culpabilizar seu antigo hábito de disfarçar sua negritude pelos comportamentos de sua família, mas que tenta reverter esse comportamento refletindo o que em sua vida pode ter reforçado isso. E diante dos momentos onde sua avó ainda se contrapõe, ela se afirma para modificar a maneira negativa de ver a si mesma como mulher negra.

Vemos também que Beyoncé busca inserir suas reflexões em seu contexto acadêmico ao relatar que fazia um trabalho sobre transição capilar quando o episódio com a avó, no trecho acima, ocorreu. O que indica seu verdadeiro empenho de mergulhar dentro do seu processo de autodeclaração, o que oferece abertura para oportunidades onde ela pode ampliar sua visão e reflexões sobre sua vida e outros fatores que participam disso. Esta ideia é reforçada ao dizer que percebeu não apenas a importância do processo “externo” da transição, mas que também haviam processos “internos” ali envolvidos e que mereciam a devida atenção. E isso é de grande importância para que Beyoncé busque observar como ela se sente consigo mesma e como os diversos fatores de seu contexto participam disso, demonstrando um indicador do posicionamento de sujeito, ou seja ela tem critérios próprios, não está subordinada a discursos dominantes.

Isso reforça o fato da história de vida do participante ser tão importante para dar sentido aquilo que ele sente e às escolhas que toma durante seu dia a dia. Isso fornece uma reflexão que não seria possível se os fatores isolados da vida de Beyoncé fossem analisados fora dessa história. Desta forma, o Pesquisadora tem oportunidades para olhar além do que é dito, abrindo portas para refletir novos processos que, implicitamente, participam da constituição das configurações subjetivas da pessoa que relata sua vivência. Mas este exercício de ver o implícito não é feito no intuito de criar um mapa onde é possível determinar os comportamentos futuros de alguém ou de desvendar totalmente os desafios do processo de autodeclaração, visto que a maneira que as configurações subjetivas se destacam na vida particular ocorre de forma imprevisível e dinâmica. E que cada processo auto declarativo é distinto do restante devido às particularidades da história de cada pessoa negra, mas que encontram também semelhanças que nos permitem ter mais ferramentas para tentar compreender como, nos dias de hoje, percebemos a autodeclaração nos indivíduos e na sociedade.

Percebendo o quanto sua avó tem importância dentro do seu processo autodeclaratório e ouvindo da participante que ela também decidiu fazer a transição capilar, perguntamos mais a respeito disso:

Pesquisadora: Sua avó também começou a deixar o cabelo cacheado? Foi você quem influenciou ela?

Beyoncé: Sim, ela começou a deixar, só que ela pinta o cabelo dela de loiro quase branco por conta do que eu falei "ah! A gente que não é tão Preto pode pintar assim..." ela fala isso, "A gente que não é tão preto, é melhor ficar mais loiro porque aí disfarça um pouco." Eu não discuto gente, porque eu não tenho muita paciência, ela já tem 70 anos, eu não vou mudar a cabeça dela.

Pesquisadora: Então, seguindo a lógica do que você disse antes enquanto a sua transição capilar foi um processo interno e externo e da sua avó foi só externo?

Beyoncé: Eu acho que sim, foi só externo. Por que ela não mudou a cabeça dela, ela gosta do meu cabelo mas ela preferia que ele fosse de outro jeito. Ela gosta de quando eu coloco tranças, mas quando eu coloco tranças ela gosta bem mais quando é loirinha. Teve uma vez que briguei com a minha tia, porque ela veio falar que meu cabelo era ruim e o cabelo da minha irmã era bom e aquilo me feriu muito porque tipo é a minha tia preferida. Eu parei de falar com ela por um tempo e sai do grupo da família. Ela me magoou, eu acho que às vezes as pessoas reproduzem esse tipo de coisa sem perceber sabe, para ela quando ela estava falando que o meu cabelo era ruim ela só queria falar que o meu cabelo era crespo, mas ela estava falando ruim em vez de crespo, entendeu? Foi isso e eu entendi, mas não gostei e eu fiquei chateada.

A forma como Beyoncé representa a transição capilar está dentro de uma perspectiva fundamental para o reconhecimento indenitário. O termo “transição capilar” diz respeito ao encerramento do uso de produtos capilares que mudam o aspecto natural do cabelo. A iniciação deste processo resultou em diversas dinâmicas na família da participante.

A dinâmica conflituosa entre a visão dominante eurocêntrica e a identidade étnico-racial da participante aparentam estar na base do agravamento das questões relacionadas à família. Beyoncé observa em todo seu percurso de transição capilar e aceitação das suas características físicas uma forma de resistência à opressão sofrida. Desse modo, construímos então a hipótese de que a negação do termo “pardo” e derivados surge como uma reação ao apagamento histórico, para que assim a participante pudesse se tornar **sujeito** no processo se sua vida e não apenas receptora das diretrizes dominantes.

Esse trecho, também possibilita o levantamento da hipótese da tensão da relação de Beyoncé e a sua avó, que se expressam diante a configuração do que ser negro representa.

Essa tensão ocorre entre as duas de forma mais explicitada quando a participante não corresponde às investidas da avó no que ela considera que seria o ideal para a sua aparência. Esse cenário possibilita a compreensão sobre como diferentes sentidos subjetivos se expressam na configuração do reconhecimento racial como negro.

O processo de tensão quanto a identificação racial negra também foi percebida no percurso de Ramon. O participante contou sobre um episódio que marcou sua infância como uma criança negra:

Pesquisadora: Qual o episódio mais marcante que você lembra da sua infância quando você pensa sobre a questão racial?

Ramon: Cara... a primeira memória que eu tenho, assim, é do dono da cantina da escola que eu estudava. Na época que ele fez uma piada com Kinder Ovo assim: “Por que o Kinder ovo é preto por fora branco por dentro? Por que se fosse preto por dentro roubava o brinquedo.” Acho que a primeira vez que me identifiquei como negro foi quando aconteceu isso.... Eu fiquei pensando por que precisa associar a cor negra a roubar e ao a crime? Entendeu? Tanto que eu lembro até hoje, tenho a visão nítida do que eu ia comprar. Eu acho que eu era bem novo, devia ter uns seis anos de idade alguma coisa assim.

Nesse momento, podemos perceber que Ramon através desse episódio pôde desenvolver reflexões sobre a questão racial na sua vida. Um ponto importante sobre essa memória é que ela foi trazida logo no início da dinâmica, o participante traz esse acontecimento como marco da sua história como indivíduo negro. O fato de ter iniciado suas reflexões sobre questões raciais com base nessa lembrança, no qual o preconceito é mostrado de maneira explícita no teor da piada gera um indicador de que o processo de aceitação da negritude envolve perceber de que você está incluído em um contexto no qual carrega diversas conotações estigmatizadas quanto a sua cor de pele. Esses estigmas foram

construídos desde a história colonização no Brasil, essa desvalorização repercute em vários aspectos relacionados à cultura negra, sendo essa repercussão refletida na história vivenciada por Ramon, que expressa a forma naturalizada em que o racismo ocorre na sociedade brasileira (Munanga, 2015). Esses estigmas, presentes na fala discriminatória do dono cantina, foi mobilizadora de processos subjetivos relacionados com a simbologia do que é ser negro, e é nesse processo que ele começa a se reconhecer como uma pessoa diferente das outras.

Os processos subjetivos sociais em meio a esse fenômeno podem ser notados a partir da discriminação racial aqui camuflada como senso de humor pelo dono da cantina, o que demonstra como os estereótipos relacionados aos negros participam de forma intrínseca nas construções simbólicas da sociedade para representar o negro. Esse cenário é herança de um racismo construído estruturalmente no Brasil, que repercute no processo de identificação como negro. Esse processo que estamos discutindo nos permite produzir um indicador sobre o caso da avó de Beyoncé, onde ocorre vários conselhos sobre como a estética da neta poderia ser melhorada, sempre seguindo padrões eurocêntricos de beleza.

As representações da subjetividade social dominante podem ser reproduzidas como foram nas falas do dono da cantina e da avó de Beyoncé ou questionadas, como foi o caso de Ramon. Isso se torna claro devido os questionamentos de Ramon após a piada, onde ele não se sujeita ao racismo, e ao invés disso ele cria questões contra o estigma que tentaram pôr sobre ele. Em outro momento da conversa, os processos subjetivos da sua família em relação às questões raciais foram representados de maneira difusa:

Pesquisadora: Na sua família vocês falam sobre questões raciais?

Ramon: Não, não a gente nunca falou. Até porque a gente tem uma família onde a miscigenação é bem grande, então a gente nunca falou de ser negro ou falou de ser branco. Mas a minha mãe, inclusive a minha mãe ela tinha até

um certo preconceito... eu já briguei com ela várias vezes. Minha mãe tinha a pele dela pouca coisa mais clara que a minha e ela não se identificava como negra. E, às vezes até fazia brincadeiras que eu falava “Pô mãe, mas você é negra e faz esse tipo de brincadeira?” e ela falava “Eu não sou preta não!”. Então, assim ela achava que ela não era entendeu?

Pesquisadora: E que tipos de brincadeiras eram?

Ramon: Tipo... fez alguma coisa errada e “Tinha que ser preto!” Entendeu? E ela falava brincando, mas pô a brincadeira tem um tom de preconceito: “Preto beijando é feio!” Quando ela assistia na novela e tal. Eu falava: “Pô mãe você é preta!” E ela “Não, eu não sou”. Entendeu? Eu acho que ela não se enxergava como negra.

O fato de Ramon na sua infância não ter recursos para se posicionar contra ao seu incômodo frente a uma situação vexatória pode ser um indicador sobre como a falta de discussão de questões raciais na família interferem na forma como o indivíduo reage em situações onde a sua cor de pele passa a ser alvo de preconceito. Esse contexto gera a hipótese de que a forma como se trabalha esse assunto repercute de maneira que, a depender do caso, pode ser negativa ou positiva em outros espaços.

Podemos perceber através da fala da mãe de Ramon como a subjetividade social dominante sobre o que é ser negro presente na sociedade brasileira influencia também na sua representação como mulher negra. A sua representação ocorre de forma marcada pelo teor predominantemente negativo relacionado ao ser negro. A posição de Ramon frente a isso permanece de forma questionadora, onde ele inclusive tenta se posicionar como agente frente a essas reproduções da mãe em relação ao negro. Percebe-se nesse trecho um indicador de seu posicionamento de não ceder às conotações negativas nas quais ele se depara, mesmo com a notória discriminação presente na fala de sua mãe. Também há a presença do próprio

percurso de vida da mãe, onde provavelmente carregou vários dos estigmas trazidos em sociedade sobre o que é ser negro. E como consequência, não houve diálogo com o filho durante sua criação sobre seu pertencimento à raça ou abertura de oportunidades para que se expressasse sobre esta questão, como fica evidente no trecho a seguir:

Pesquisadora: Como você lidava com esses discursos negativos da sua mãe? Você brigava com ela?

Ramon: Não, a única coisa que eu falava era: “Poxa, mas você é negra e está falando contra o que você é.” Era só isso, o diálogo nunca progrediu muito, além disso. Eu nunca tive esse direcionamento para me entender como negro e poder me expressar também. O que eu fazia e o que eu falava era baseado mais no que me incomodava, eu me sentia incomodado sem ninguém falar pra mim que era errado aquilo que estava acontecendo. Sempre foi o que me incomodava. Hoje em dia a gente já tem mais uma noção, a gente busca fontes de conhecimento, a gente vivencia mais questões relacionadas às questões de preconceito, questões de violência e aí a gente fica mais ciente. Mas na época eu não tinha essa noção, era só quando me incomodava. Pode até ter acontecido uma situação de preconceito que eu não percebi, se não me incomodava eu ficava na minha. Era só quando me atingia de certa maneira que eu falava contra, mas também nunca levei o debate tão a frente.

Podemos perceber neste trecho que houve a ausência de esclarecimento sobre as questões raciais que faziam parte da sua condição como homem negro e que isso lhe incomodava. Desta forma a sua postura diante a falta de informações sobre seu pertencimento, como ele mesmo diz, não era reflexiva e sim de reativa diante destes momentos de desconforto. Isso oferece uma noção dos impactos que a maneira da construção da subjetividade social gera certas representações para Ramon, mesmo sem discutir muito questões de raça com a família se movimentou em busca de informações. Isso destaca um

papel de agente, onde ele demonstrou um posicionamento crítico em relação ao que ocorria em certas situações.

Diante do que foi apresentado pela mãe de Ramon e a avó da Beyoncé, percebemos que há semelhança de não apenas recusar a sua identidade negra, como também de estigmatizá-la. Esse cenário nos permite refletir sobre as diferenças de como a questão racial era trazida para a geração mais antiga, Ramon trouxe na sua fala o mesmo ponto de vista ao deixar explícito a diferença do contato com discussão de preconceito na sua época e atualmente. No entanto, o participante conseguiu unir recursos para combater sua falta de informação e as situações onde se sentia incomodado. Isso destaca o quanto provavelmente na geração anterior a de Ramon a discussão sobre identidade racial se encontrava ainda mais escassa, dificultando aos indivíduos negros a possibilidade de formar reflexões sobre a própria identidade. Percebemos no discurso das duas uma reprodução negativa do que, possivelmente, lhes foi dito durante seus percursos de vida. O que resultou na dificuldade de se assumirem como negras e de recusar a possibilidade de serem vistas como tal, buscando dessa forma encontrar aspectos físicos que não as relacionassem com essa raça e usando discursos de inferiorização. Não que entrar em contato com o que ao que lhes foi dito como algo ruim, sendo evidenciado, no caso da avó de Beyonce, às características físicas que ligam a raça negra e, no caso da mãe de Ramon, relacionado a reprodução de um discurso racista.

Com base o que foi discutido até agora, temos o indicador que a tentativa de afastamento de uma identificação racial presente nos familiares repercute de uma maneira negativa no percurso dos indivíduos. A perspectiva que não há uma raça no Brasil, apenas frutos da miscigenação originou no mito da democracia racial, que se baseia no apagamento das diferenças e na tentativa de uma criação de uma sociedade integracionista, mas que na verdade apenas camufla o racismo presente estruturalmente (Munanga, 2019). É possível

notar no Ramon a resistência à esse contexto, conforme é evidenciado abaixo no seu relato quanto ao termo classificatório pardo:

Pesquisadora: Você já pensou em se declarar como pardo por ser mais claro?

Ramon: Não, eu nunca vou falar que sou pardo. A gente precisa se unir, a gente já é separado do branco em si. Não era para ser a gente contra eles mas é. Foi uma coisa se formou ao longo dos anos. E aí se o “a gente” começa a se separar, vamos ficar menores ainda. O que vai ser de uma minoria se ela se transformar em um monte de outra minoria menor ainda? A gente ia estar agindo entre si da mesma maneira em que os brancos agem com a gente. Não pode ser tipo “você é mais claro e eu sou escuro então a gente tem que se separar”.

O termo “pardo” se mostrou muito problemático para o participante, no sentido de causar uma fragmentação no grupo racial, resultando em uma produção de diferenças e conflitos ao invés de unir o grupo. Esse ponto trazido por Ramon reflete uma ideia formada a partir de um longo percurso de sentido sobre a sua autodeclaração e o quanto ele se mostra firme nela ao recusar outros termos que substituem negro ou preto.

Essa fala de Ramon demonstra como o processo do colorismo também pode gerar um sentimento de injustiça e separação entre pessoas negras. A cor de pele mais clara permite que se desfrute de muitos privilégios em uma sociedade racista. No entanto, essa aparente tolerância com as características da mestiçagem se desdobra conjuntamente na dificuldade em se perceber como indivíduo negro. A ideia presente no colorismo não é de incluir o negro no ambiente branco, mas de tolerar aqueles que revelem de forma menos explícita a sua descendência. As teorias racistas produzidas, incitaram um cenário onde se preza pela valorização do mestiço em detrimento do negro de cor escura (Silva, 2017).

2) Cabelos crespos e corporeidade: identidade e aceitação.

No processo identificatório do negro a aceitação das características físicas da negritude no corpo e dos cabelos é essencial para servir como suportes simbólicos para novos processos subjetivos e na cultura, na família e na sociedade como um todo. Contudo essa aceitação encontra diversos obstáculos surgidos pela hegemonia da beleza branca, o que pode resultar em conflitos no processo de autodeclaração. Evidências destes obstáculos se mostram ao longo da fala dos participantes desta pesquisa, como veremos a partir das primeiras palavras de Beyoncé na primeira dinâmica feita com ela.

Pesquisadora: Poderia nos falar sobre você?

Beyoncé: Eu costumo falar que a minha vida começou depois da minha transição capilar. Por que antes disso eu usava o cabelo liso e para mim era só um cabelo liso. Eu comecei a deixar meu cabelo crescer porque eu não tinha dinheiro mais para fazer a definitiva. E aí eu comecei a passar pela transição capilar. No meio do processo a minha prima também quis participar e a gente começou a falar sobre isso. E eu entendi que eu estava passando por um processo que vai muito além do meu cabelo. Quando eu comecei a usar meu cabelo natural eu percebi que eu reproduzia muitas atitudes de ódio em mim mesma, sem perceber. Eu nem sorria em fotos para não abrir o meu nariz, eu fui entendendo isso com o tempo. [...] Depois da minha transição eu entendi que eu me considero negra, e hoje em dia eu me percebo como um ser negro, eu me vejo negra em sociedade [...] eu assumi um traço muito forte da minha ancestralidade e eu estava de repente com um black gigante. Depois de ter passado por isso eu fui perceber que eu só tinha amizades brancas, e eles apesar de verem como negra não entendiam nada do que eu estava falando. Eu me sentia muito sozinha. Eu não tinha ninguém que me entendia.

A partir do trecho fica claro quanto o processo de transição capilar foi importante para abrir reflexões da Beyoncé sobre sua ancestralidade e para revelar o motivo dos comportamentos negativos contra si mesma. O termo transição capilar se refere ao processo de tirar toda a química do cabelo e deixá-lo natural (Oliveira, 2019). No caso de Beyoncé, parar de alisar o cabelo a fez se deparar com suas características naturais e perceber o impacto que evidenciar sua descendência preta gerou nas suas atitudes consigo mesma, que eram marcadamente negativas. Ou seja, a partir desse processo ela pode perceber as consequências nas quais vivenciou dentro de uma sociedade miscigenada e marcadamente racista, onde o cabelo crespo e a pele escura são colocados como características estéticas ditas como inferiores dessa mistura racial (Gomes, 2019).

Cortar o cabelo liso e deixá-lo assumir sua textura natural permitiu a Beyoncé deixar sua estética negra fluir, ou como ela mesma disse, lhe permitiu assumir um traço forte de sua ancestralidade. Isso se torna um marco visto que desde muito pequena lhe foi imposto o alisamento, o que não a permitiu entrar em contato com sua beleza natural. Então mais que uma mudança meramente estética na vida de Beyoncé, passar pela transição capilar significou uma transformação em sua identidade, podendo manifestar sua negritude por meio de sua aparência permitindo a desconstrução do padrão hegemônico de beleza branco (Gomes, 2019).

A vivência de Beyoncé demonstra um silenciamento por uma sociedade racista que coloca os seus traços e a sua cor como inferiores o que repercutiu em uma relação negativa sobre si mesma. Ao entrar em contato com sua identidade, Beyoncé busca então a contramão do modelo hegemônico no qual foi acostumada, que mostrava as características brancas como algo a ser mais valorizado e que excluía suas reflexões sobre sua negritude. Contudo, ter consciência de seu pertencimento também resultou seguir um caminho solitário, devido o fato

de se perceber diante de uma realidade na qual ela não se percebia antes demarcando seu posicionamento de sujeito.

Esse processo nos permite produzir a hipótese de como a subjetividade social age nos processos de reconhecimento e pertencimento étnico racial das pessoas pretas antes mesmo de se reconhecerem como tal. A latência do racismo nas camadas sociais, culturais e políticas, e o impacto que o padrão de beleza branco incute nas produções de sentido tanto individuais quanto sociais podem gerar um sentimento de desvalorização e um sentimento antagônico nas características que marcam a negritude como foi o ocorrido no caso de Beyoncé. Tudo isso se configura de maneira intrínseca num processo subjetivo tão peculiar para os negros que, mesmo que Beyoncé tenha sido reconhecida como negra por seus amigos brancos, ela ainda sentia que havia muita superficialidade nessa aceitação já que os mesmos pareciam não entender o processo no qual tinha passado.

Pesquisadora: E porque você acha que você não se via como negra antes, mesmo com o seu círculo social e sua família te vendo como negra?

Beyoncé: Por que eu acho que eu nunca tive o exemplo. Não tive nada, entendeu? É muito difícil você se considerar negra tendo a pele da minha cor, sabe? Eu não reconhecia, não tinha exemplos, eu não via, não via nada. O meu cabelo na época era uma doença para mim. Gente, é sério, eu sou muito, muito fã da Beyoncé, e eu deixei de ir no show da Beyoncé para poder alisar o meu cabelo. É sério, era uma doença. Eu podia imaginar qualquer coisa na minha vida, menos o meu cabelo. Eu nem sabia como era o meu cabelo, por que minha mãe começou a alisar ele com dois anos de idade. Então eu não me enxergava, eu só queria ser aceita, eu só queria ser alguma coisa. Tipo, eu não me via de jeito nenhum, sabe? Eu lembro de um dia em que eu me olhei no espelho tipo, e a minha pele estava limpinha e sem espinhas, eu estava de boas com o meu corpo e eu olhei pro espelho e pensei “vei, só faltava o meu cabelo

ser legal”. Sabe? Era o tipo de coisa que eu falava. Eu me achava parte de nada, eu não me sentia parte de nada. Acho que é por isso que eu não me reconhecia como negra. Eu não me via.

A fala de Beyoncé foi marcante para reconhecer o quanto a influência do seu círculo social foi determinante no seu processo autodeclaratório, visto que a ausência de diálogo sobre ser negra neste círculo e a não presença de exemplos para se espelhar dificultou para a aceitação dos seus traços físicos. A aceitação de ser preta se mostra então como um processo que assume um indivíduo sempre em construção e em relação com os outros, seja a cultura, sejam ou as pessoas que fazem parte da sua história de vida (Julio, 2011). O processo de reconhecimento da negritude não é isolado ao indivíduo negro.

Aqui vemos o quanto a construção de autoestima da própria família participou na subjetividade de Beyoncé, nos processos de sentido que atribuiu ao seu cabelo e ao seu corpo preto. Nesse sentido, a subjetividade familiar que foi construída por uma história que precede Beyoncé, ou seja, por uma subjetividade social marcadamente embranquecida, dificultou na construção de uma visão positiva sobre si mesma e a aceitação de suas características.

Aceitação desses traços ocorrem de forma singular para cada indivíduo. No caso de Clarice, por exemplo, a participante evidenciou que sua identificação não partiu do ambiente doméstico, e sim na escola que era um local majoritariamente branco. Desta forma suas reflexões sobre as questões de seu reconhecimento ocorreram durante as aulas de biologia na escola e os debates sobre raça na mídia. Tudo isso levou a participante a começar a reparar em suas características físicas mais atentamente e a refletir suas origens com base na sua família. Com isso, observa-se um processo consequente das atuais configurações sociais de subjetividade que impacta bastante produção de sentidos de Clarice.

Pesquisadora: Quando você começou a refletir sobre sua leitura racial?

Clarice: Eu estava na aula de biologia, sobre classificação racial. E aí a professora já classificou a minha cor de pele antes de mim, e eu fui entendendo com o tempo... vendo vídeos também e debates sobre as questões raciais. Depois disso fui me reconhecendo como negra. Eu fui me identificando com pessoas diferentes tipo: “Meu cabelo é cacheado, o meu nariz é largo”... assim, por mais que ele seja empinado ele é um pouquinho larguinho, então eu fui reparando isso. Os traços dos meus pais são finos e a pele deles é bem clara, então eu fui reconhecendo eu mesma tentando puxar nas outras partes da minha família, pensei: “Tem a minha vó e deve ser por isso... que eu vim dessa cor”.

Pesquisadora: E em casa com seus pais, vocês já conversaram sobre isso?

Clarice: Então, eu me coloco como negra toda vez que me fazem uma pergunta, converso perto deles.... Mas acho que eles não me colocam como negra, na verdade. Eu acho que isso fica mais confuso ainda para eles, essa questão de raça. Ninguém afirma eles como negros e eles também não se afirmam como negros. Eles não se veem, então... é uma coisa a parte para eles.

Com base na sua fala, podemos perceber que, dentro de suas configurações de sentido subjetivo, seu processo de reconhecimento racial está intimamente ligado às características físicas que a ligam a sua negritude. E ao mesmo tempo, quando Clarice se reconhece como diferente da maioria das pessoas que a cercam há um certo incômodo, que a impulsiona em buscar alguém no qual ela se sinta representada no seu meio familiar já que não se vê parecida com seus pais. O corpo funciona como um suporte material no processo de construção da identidade, como podemos perceber nesse relato houve na trajetória pessoal de Clarice processo conflitante entre o eu diante do outro, enquanto a professora na escola a

reconhece como negra e foi a sua primeira referência em casa com os pais essa identificação era negada.

Desta forma, podemos refletir que a experiência com a aula no ensino médio, a indiferença da sua família no reconhecimento do “ser negro” e o sentido pejorativo atribuído a palavra “negro” não são sentidos subjetivos desconectados um do outro, mas participam de uma mesma configuração subjetiva sobre sua autodeclaração e são participantes nas produções de outros sentidos que rodeiam este fenômeno, refletindo em inúmeros aspectos de sua vivência.

A construção da identidade preta em meio ao contexto miscigenado que vivemos ocorre em um movimento no qual não se dá unicamente na relação do preto com si mesmo, mas também da sua relação com o outro, há indicadores na fala de Clarice de que ela busca uma certa aprovação dos outros em relação a sua cor, quando diz que se coloca como negra nas conversas sobre raça com os pais e demonstra um incômodo na sua fala quando conta que essa questão ainda é confusa para eles. É uma relação tensa que se evidencia no qual esse cenário complexo, ter essas características reconhecidas pelo outro é um fator que interfere no seu processo de identificação racial. Também houveram reflexões sobre o significado que o termo “pardo” possui para si mesma:

Pesquisadora: Muitas vezes pessoas de pele mais clara são chamadas de “pardas”, como é isso para você?

Clarice: Eu não tenho problema de ser chamada de parda, mas eu entendo o quanto que isso dói para as outras pessoas negras. Eu penso na questão das pessoas retintas que, tipo assim, é como se as pessoas mais claras quisessem assumir o mesmo lugar que eles. Mas é ruim quando você é mais claro porque é como se você ser pardo significasse não ser negro então, te coloca num lugar pior ainda.... Um dia eu estava debatendo sobre isso e uma amiga minha, tipo

amiga mesmo, virou para mim e disse “ah, mas você não é negra. Você é meio sujinha.” Ai tipo assim, eu entendi que ela falou sem maldade nenhuma..., mas eu virei para ela e tipo “Não é sujinha, eu sou negra. Tem uma mistura de cores aqui na minha pele que resultou nisso, mas... sujinha é pior. Você está falando que é ruim eu ser negra. É como se ela estivesse querendo me ajudar tipo assim ‘Não, mas não fica assim, você não é negra tá?’ ” Então essa questão do pardo é uma coisa que ainda tento trabalhar por que eu ainda vejo que tem muito disso.

Podemos observar pontos de sua fala onde o termo pardo adquire qualidade negativa e os que são rotulados por este eles são postos como “não negros”, mas também “não brancos”. Ao mesmo tempo que Clarice diz não se importar em ser chamada dessa forma podemos perceber indicadores de que essa palavra não parece ser representativa com a sua identidade, já que no meio de conversas sobre essa pauta seja com seus pais ou nesse caso com uma amiga Clarice sempre se coloca como preta.

Contudo, pode-se perceber em Clarice a postura de buscar debater e confrontar a relação pejorativa entre o termo pardo e negro ao invés de assumir atitude hostil ao ser classificada desta forma. Sua tentativa de buscar se pôr no lugar do outro e confrontar o incômodo, evidencia sua postura de agente dentro do seu processo autodeclaratório e de autoafirmação como mulher preta.

Apesar de se ter evidências sobre sua postura de agente na sua autodeclaração, dentro do seu processo ainda existem pontos de contradição e de aparente incômodo que ainda não a permitem agir plenamente como sujeito. Esses pontos podem ser vistos, por exemplo, dentro dos seus relacionamentos com pessoas negras de pele retinta. Um destes pontos pode ser percebido no trecho abaixo:

Pesquisadora: A gente conversou sobre como as pessoas de pele mais escura sofriam de forma diferente o racismo do que as negras de pele mais clara. Quando você está conversando com pessoas com a pele mais escura sobre racismo você se sente mais ou menos confortável?

Clarice: Ah, me sinto muito confortável, por que... são pessoas que dá para abordar a questão. E as pessoas que conversei não me julgaram por ter a pele mais clara. Elas entendem. Que, tipo assim, eu não tenho culpa se a minha família resolveu misturar a família branca com a negra, entendeu? Sou fruto disso. Não fui eu que fiz essa miscigenação toda não. Algumas pessoas negras que não sou próxima já disseram: “Ah, você não é negra o bastante para falar sobre racismo”. Mas eu entendi que é por que elas sofrendo muito com isso. As pessoas que eu converso sobre isso na faculdade entendem mais sobre a miscigenação.

Como já falado anteriormente, o processo de autodeclaração por vezes é solitário e encontra diversas barreiras geradoras de tensões e conflitos para o indivíduo. No caso de Clarice, apesar de sua postura de se declarar como mulher negra, o tom mais claro de sua pele surge como um fator conflituoso para pessoas negras retintas e que é utilizado para invalidar seu local de fala e sofrimento. Subentende-se assim que existe uma implícita hierarquia entre negros que, apesar de geradora de incômodo, busca ser superada por Clarice a partir de sua postura de tentar se por dentro do sofrimento dos mais retintos e entender as diferenças que isso implica dentro de uma sociedade marcadamente racista e discriminadora.

Essa hierarquia, no entanto, surge como um resultado do fenômeno da pigmentocracia existente em locais marcados pela miscigenação. Onde quanto mais escura a cor de pele mais discriminado você é. Clarice demonstra perceber a diferença de tratamento que ela recebe por ter a pele mais clara em relação às outras pessoas no seu convívio que são mais escuras, e que apesar disso a diferença não se torna suporte para invalidar sua declaração como mulher

negra ou as suas formas de lidar com as tensões advindas do racismo dentro da sua pigmentação.

Outro ponto de contradição que parece ainda existir no seu processo autodeclaratório foi percebido destacadamente em um evento que ocorreu com a participante dentro de um posto de vacinação, onde foi confrontada em relação a sua identificação como mulher preta:

Pesquisadora: Você já chegou a se autodeclarar parda também?

Clarice: Já. Quando criança. Depois que eu descobri o que representava o pardo, eu comecei a não gostar desse termo. Porque começa pelo mulato né, que seria essa mistura da Casa Grande com a senzala. E aí o Pardo representa isso para mim. Por mais que o termo pardo exista remete muito para mim como isso de mulato. Atualmente, eu fui tomar vacina e então tive que atualizar o meu cadastro do SUS. Então a funcionária perguntou “Qual sua cor? Parda?” e aí eu falei “preta”. E aí ela ficou me olhando assim “você se declara Negra?” E eu “Claro!” E ela, “Mas você não é negra” Eu perguntei “Porque você está me perguntando se você vai me definir por mim?” E ela “Não, você é da minha cor”. Ela era bem mais clara, mas isso não vem ao ponto né. E ela ainda disse “Ah, mas você é clara. Você é parda”. Depois dessa discussão toda eu só queria tomar a vacina e disse “coloca aí o que você quiser”. Mas eu achei engraçado ter esse negócio chamado ‘Autodeclaração’ e a pessoa vir me questionar.

Pesquisadora: E como é que foi para você ser questionada?

Clarice: Volta tudo aquilo né, você tem todo um trabalho para se aceitar e falar “não, eu sou negra. Tem uma coisa misturada aqui, mas o meu ser negro prevalece”. Quando ela falou que eu sou parda, fiquei tipo sem identidade de novo, fiquei pensando: “Minha filha... demorei um tempão aqui para me

conscientizar que eu sou negra e vem você e diz que não sou negra. Então vocês criem uma nova raça para mim. Por que se eu não sou branca e não sou preta, sou o que? ”.

A situação narrada por Clarice evidencia uma situação recorrente aos pretos de tonalidade mais clara, no que diz respeito a forma da subjetividade social simbolizar esses indivíduos quanto a sua autodeclaração como pretos, ao tentar rotulá-los numa classificação de “pardos”. No caso de Clarice, apesar de sua postura ativa e firme quando a sua identidade, em certos momentos ainda se encontra em situações onde sua certeza é posta a prova e é exposta a situações de desconforto e discriminação. Isso enfatiza o quanto o processo autodeclaratório desses indivíduos de tonalidade mais clara é marcado não só pela solidão, como descrito anteriormente, mas pela situação de se sentirem frequentemente cobrados para justificar o porquê de terem sua identificação como pretos e sendo constantemente tratados a partir de uma postura cética.

É possível perceber na fala de Clarice, que o pardo para ela não faz referência à uma identidade étnica racial, mas à uma demarcação da história de apagamento da negritude. A participante também relaciona esse termo com mulato, que deriva da palavra “mula”, que significa o cruzamento do cavalo com a jumenta tendo um significado extremamente pejorativo visto que esse animal é uma raça considerada inferior e infértil. Podemos perceber indicadores na fala de Clarice, sobre como se denominar como parda para a participante significaria aceitar essa conotação negativa e contribuir com a noção de que há uma certa superioridade entre sua mistura. Segundo Weschenfelder & Silva (2018) o pardo contribui no fenômeno da miscigenação para moldar os processos de subjetivação que negam as polaridades, sobretudo a negra como uma recusa do direito de afirmação da sua descendência africana.

Tudo isso aponta para a direção das produções humanas de uma subjetividade social quanto a maneira de simbolizar o preto claro como “pardo”. Esse cenário gera consequências nas produções subjetivas e de sentido do indivíduo que, usando neste caso Clarice como referência, provocam conflitos dentro do seu processo subjetivo e autodeclaratório, pois a todo momento ela se depara com as contradições e antagonismos dos sentidos subjetivos produzidos socialmente, que a tentam colocar em um meio termo no qual ela não se sente representada. Contudo, toda a experiência em uma sociedade será constituída como um processo conflituoso, e uma produção formada pelas configurações subjetivas que emergem da relação indivíduo e sociedade durante o curso da história. Dessa forma, apesar dessa relação produzir muito desconforto, também produz importantes momentos de reflexões para encontrar sentidos que participam da constituição das subjetividades dos autodeclarados pretos. (González Rey & Mitjás Martínez, 2017)

As práticas de discriminação racial têm origens muito bem estruturadas no contexto brasileiro, a situação pós abolição foi acompanhada de diversas proibição para o povo preto e desvalorização dos seus costumes. Como consequência disso houve a exclusão do negro que carregava a cor da pele notadamente mais escura e indisfarçável. Como consequência a isso foi criada a mestiçagem, e este mestiço que surge como uma união inter-racial mais clara e aceitável, torna-se tolerado e valorizado, em relação ao negro de cor mais escura. Houveram na história do Brasil políticas de valorização dos 'negros claros' com o intuito de clarear a sociedade brasileira (Silva, 2017). Clarice reconhece seus privilégios nessa dinâmica social, mesmo que ainda se sinta incomodada ao ser questionada quanto ao seu pertencimento racial. Ela reconhece seu sofrimento como diferente dos outros, no sentido em que não ignora os resquícios negativos da miscigenação no seu contexto social:

Pesquisadora: Você sempre traz essa questão das diferenças do sofrimento... você acha que tem alguém que sofre muito e alguém que sofre menos? Como é isso?

Clarice: Acho que todo mundo sofre. Todo mundo tem o seu sofrimento. O problema é que eu consigo sofrer mais sozinha.... Não sei explicar isso, mas as pessoas mais escuras têm muitos dedos apontando para elas, o racismo que elas sofrem não é só o velado. Então não tem nem como ela disfarçar e fingir que está tudo bem, entendeu? Para mim tem como disfarçar. Para ela não. Para ela, todos os dias da vida dela é um desafio de ter alguém para apontar e fazer um comentário e ela tem que controlar as lágrimas, não só para ela, mas na frente de todo mundo. Acho que é isso a questão do sofrer mais ou sofrer menos. Tem mais dedos apontados para ela do que para mim.

A situação de Clarice, de perceber a diferença entre seu conflito e o de pessoas mais retintas, como já foi dito, reflete sua postura de não se vitimizar e de buscar a compreensão de outras formas de sofrimento entre os indivíduos pretos. Contudo, ao mesmo tempo que sua postura é positiva, é possível perceber um ponto problemático quando diz "... eu consigo sofrer mais sozinha". Nesse sentido, ao mesmo tempo que essa fala reflete sua empatia quanto as dores do outro, pode ser indicador que Clarice possa estar camuflando o seu sofrer. O sentido disso, é evidenciar que a diferença nos modos de sofrimento não é por uma questão quantitativa, de sofrer mais ou menos por causa da pigmentação diferenciada, mas por uma questão subjetiva e qualitativa, que evidencia maneiras distintas de sofrer.

O ponto sensível que pode ser percebido quanto a Clarice é quanto ao sentido que projeta em relação ao seu sofrimento quanto a sua negritude, e a maneira que se relaciona a outros sentidos subjetivo como o relacionado à questão do "ser pardo" e o sentido relacionado a pessoas retintas. Através desses sentidos subjetivos de Clarice, se pode ter uma

compreensão de sua configuração subjetiva sobre a questão do “ser negro” e o quanto que o sofrimento causado pelo racismo pode agregar reflexões em um plano mais amplo, sobre como as formas na qual essa violência é repercutida e sentida de forma diferente entre os indivíduos pretos na sua trajetória.

Durante o percurso da pesquisa Clarice e Beyoncé trouxeram reflexões importantes sobre a transição capilar, a aceitação dos traços negros e o uso do cabelo crespo e cacheado em ambientes profissionais. No entanto, ao ser perguntada quanto a sua própria trajetória capilar Clarice trouxe outro acontecimento à tona na dinâmica conversacional:

Pesquisadora: Você começou a usar o cabelo natural na faculdade ou já desde o ensino médio?

Clarice: No terceiro ano.

Pesquisadora: E como era usar o cabelo solto na escola

Clarice: Querendo ou não, por mais que você fale que não liga para a opinião dos outros é muito importante os outros te elogiarem também. O meu nariz, por exemplo, o meu nariz nunca foi uma questão para mim, até que um dia uma tia minha virou do nada, e ficou olhando o meu nariz e depois “Nossa, você tem o nariz meio achatado” Aquilo foi um peso enorme na minha vida. Eu nunca tinha parado para reparar no meu nariz. Eu nunca tinha reparado, era só um nariz. Era só para respirar. Eu não tinha pensado na aparência dele. E eu passei a me olhar no espelho e pensar... nossa, meu nariz deve ser tão feio. Tanto é que comecei a tirar foto só de lado, comecei a apertar muito o meu nariz para ver se ele ficava mais fino. Até que muitos anos depois, na escola, eu estava conversando... E eu tenho uma amiga que é muito aleatória. A gente estava conversando e ela falou “Nossa, o seu nariz é tão bonito! ”. E eu fiquei “Você está falando do meu nariz?” E na época até quando eu conversava com outras pessoas eu já olhava ficava olhando meio de lado para ela não reparar no meu nariz. Depois

disso eu fui de novo para frente do espelho e fiquei me olhando... virei para o lado e virei para o outro... e pensei: “Cara! O meu nariz é muito bonito mesmo!” Foda-se se alguém acha que ele é achatado. Então esse achatado é muito bonito”. E eu amo o meu nariz hoje em dia. Eu falava do meu nariz o tempo todo por que eu passei muitos anos sofrendo com isso.

O relato acima evidencia o processo inferiorização dos traços pretos em relação aos caucasianos e como essa depreciação é construída com base em suas relações, e também pela interferência do modo da subjetividade social produzir diferentes sentidos sobre estes traços. A aceitação e a desconstrução, que se constituem como dois fenômenos dinâmicos da estética negra, atravessam de forma íntima a construção de uma identidade não inferiorizada por parte dos indivíduos. O momento no qual a tia de Clarice descreve seu nariz como estranho e achatado foi um produtor de sentidos subjetivos quanto à sua relação de olhar e perceber a si mesma e os seus traços. Esse momento foi tão marcante na vida da participante que após esse episódio ela tenta a todo momento disfarçar-lo, de forma que a desconstrução dessa noção negativa só foi possibilitada através de uma nova imagem positiva posteriormente trazida por sua amiga.

Podemos entender esse movimento como o início de um posicionamento mais ativo quanto a sua representação corporal, onde a mesma percebe que há diferentes formas de interpretação quanto a um mesmo objeto, nesse caso o nariz, Clarice foi imersa em um padrão hegemônico de beleza que não havia entrado em contato antes ou ao menos não havia ainda sido relacionado a si mesma. Seu posicionamento ativo teve início a partir de suas redes sociais, ao perceber claramente essa imersão através das pessoas que costumava seguir:

Pesquisadora: Você tinha alguém para conversar sobre essas suas reflexões quanto ao seu nariz, cabelo, cor etc.?

Clarice: Ah, na internet sim. Mas são pessoas mais distantes né, não são melhores amigos, são conhecidos. Eu já falei quando eu mudei o meu *instagram* e excluí as pessoas?

Pesquisadora: Não.

Clarice: Todo mundo tem aquela fase que você olha para o *instagram* e tipo não tá batendo, você não se reconhece ali. Aí eu fui abrir todo mundo que eu seguia para ver porque eu seguia aquela pessoa. Se eu gostava do conteúdo ou se eu seguia pela aparência. E aí eu fui excluindo um monte de mulheres brancas que eram só modelos e que não acrescentavam nada em conteúdo para mim. Que só ficavam comparando o corpo, a cor, tudo. E aí eu fui pesquisando um monte de pessoas negras para eu seguir. E agora na minha *timeline* aparecem um monte de pessoas negras. E isso melhorou muito a minha autoestima porque agora eu tenho com quem me identificar. E eu me vejo lá. Mudou muito a minha autoestima. Eu fiquei mais feliz, as pessoas que eu seguia antes aquelas que os outros diziam que eram bonitas. Mas eu nem gostava delas, eu só seguia por causa disso.

Pesquisadora: E o que te mobilizou a fazer isso?

Clarice: Acho que assim, estava tendo muito esse debate sobre identificação sabe, sobre o quanto que o *instagram* faz mal. E aí eu fui olhar para o meu *instagram* e percebi que não estava gostando daquilo. Aí do nada bateu. Vou excluir todo mundo que tá me fazendo mal aqui. E aí exclui e comecei a seguir outras pessoas que eu achava mais parecidas comigo.

A presença de um padrão de beleza hegemônico parece ocorrer de forma mais nítida nas mídias sociais, servindo como um espaço de influência para produções de sentido que interferem na construção da identidade pessoal. No percurso de Clarice, ao ser provocada a refletir sobre seus traços negros, percebeu a presença desta ideologia hegemônica

marcadamente em suas redes sociais, o que antes servia como uma barreira para produzir reflexões sobre sua identidade devido à pouca representatividade negra. Pensando nisso, tornou as mídias sociais um espaço para a quebra de uma lógica embranquecida e para percepção de novas formas de realidades, estéticas e discursos negros (Malta & Oliveira, 2016).

A partir deste acontecimento marcante na sua trajetória, Clarice pôde sentir o impacto positivo da representatividade negra em sua identidade. Retirar a dominância da estética embranquecida das suas redes sociais foi um recurso para formar sentidos de valor mais positivo sobre sua herança preta, projetando Clarice para uma direção de maior confiança consigo mesma e de transformações em relação a sua identidade, além de uma maior busca por reflexões que a auxiliam no seu processo.

A partir de Clarice, há evidências do impacto positivo que a presença da representatividade negra na mídia gera. A representatividade na mídia fortalece as identificações pessoais do indivíduo e aumenta a força de um movimento contrário a tendência do embranquecimento. Se pode perceber um impacto semelhante em outro participante desta pesquisa durante a sua infância:

Pesquisadora: Você começou a fazer lutas bem cedo, né?

Ramon: Foi, foi bem cedo. Eu pratiquei durante um tempo e parei. Aí fiquei muito tempo sem praticar, voltei, mas quando eu já estava com uns 20, 22 anos. E foi até bom falar disso, pois a primeira arte marcial que eu fiz foi Kung Fu, que é uma arte marcial chinesa e o maior representante marcial dessa luta que a gente tinha até então era o Bruce Lee. E eu me incomodava porque eu não era igual a ele, por que ele era chinês e eu era negro. E eu queria ser igual o Bruce Lee. Só que aí aconteceu uma coisa, surgiu um filme que

passava na sessão da tarde, eu não lembro... o protagonista se chama Bruce Lee Roy e ele era um negro que fazia Kung Fu. E era como se fosse uma batalha que era realizada nos guettos de Nova York, então o que eu estava acostumado de ver um monte de chinês brigando... e apesar de eu gostar, de eu ser apaixonado por aquilo eu não me via naquela situação. De repente eu vi a mesma coisa só que com negros. E cara, quando eu vi aquele filme eu fiquei louco, eu falei “Caraca! Que massa véi, que massa. O cara igual eu lá!” E eu era novinho também e aí eu fiquei empolgadão. E foi até uma das coisas que acabou despertando minha paixão mesmo pela arte marcial, mesmo no tempo que eu fiquei afastado eu gostava muito, sempre acompanhei. Até o momento que eu voltei a treinar, comecei a treinar Muay Thai que aí eu me encontrei realmente de vez e, desde então nunca abandonei.

Pesquisadora: E tinham outros alunos negros na sua turma de luta?

Ramon: De Kung Fu não tinha, eu era o único. Até porque era uma arte marcial que não era tão difundida, hoje em dia cresceu mais, mas até então não tinha era... a cada 10 era 3 ou 4 negros, 4 quando muito. Agora não, agora a gente tem até maioria, mas até então não, eram poucos.

O filme de luta com um protagonista semelhante a ele mesmo funcionou com um mobilizador de sentidos subjetivos para Ramon no que diz respeito a sua ocupação de espaço como lutador. Ainda podemos perceber nas atualidades as heranças da desigualdade vinda do Brasil colônia, onde pessoas pretas continuam sendo minorias em muitos espaços.

Reconhecer suas características físicas associadas a algo que não era recorrente no seu cotidiano fez com que Ramon percebesse que era possível ser tão bom quanto Bruce Lee. A importância de representar de forma a considerar a diversidade personagens fictícios especialmente na infância se ampara na medida em que a falta de representação é desencadeadora de um sentimento de inferioridade na qual prevalecem os valores dominantes (Sabino, Lourenço & Silva, 2019)

Há na fala de Ramon a presença de uma falta dentro daquilo que mais admirava, que apesar de se ver identificado na luta, havia uma espécie de desencaixe, um elemento faltante devido às evidentes diferenças físicas. Ou seja, diante da imagem projetada do que era ser um lutador de Kung Fu, Ramon carregava uma certa angústia ao perceber que não se reconhecia nem em sua sala de aula e nem com seu ídolo, apenas após o preenchimento dessa falta a partir da personagem “Bruce Lee Roy”, ocorreu um impulsionamento, um movimento emocional e simbólico, que o levou a finalmente decidir que a luta seria um dos elementos principais de sua vida. Momentos culminantes como este evidenciam a forma como a subjetividade se constitui e se altera dinamicamente, onde neste caso, quando Ramon se identificou com aquilo que ama adequadamente, foi possível gerar um novo sentido subjetivo diante do contexto da luta e fortalecer o seu amor pela prática. (González Rey & Mitjans Martínez, 2017).

É interessante também considerar que o filme trouxe para Ramon também a vontade de buscar por mais autonomia e encontrar mais formas de expressar sua negritude:

Pesquisadora: Você falou que com o tempo você começou a se expressar mais sobre questões raciais, o que fez você se expressar mais?

Ramon: O que fez eu me expressar? Igual a questão do filme do mesmo jeito que eu me senti representado e que eu me senti parte daquilo ali. Eu queria me expressar mais, eu não queria ficar esperando ter alguém para eu me identificar, eu queria ter

minha identidade própria e eu queria fazer parte. Então eu comecei a assumir um protagonismo na minha vida, não esperar aparecer alguém igual a mim para eu seguir, eu queria ser a pessoa que era seguida. Entendeu? Então sei lá.... Eu faço questão de expressar a minha raça em qualquer oportunidade que eu tenho. Por que eu quero que as pessoas se sintam à vontade com isso. Eu queria que existisse um momento em que ninguém precisa ficar empurrando a questão racial, empurrando a minha identificação para as pessoas. Eu queria que chegasse um momento que as pessoas não ficassem preocupadas com isso, que diferença que vai fazer a cor da minha pele? Hoje em dia a gente tem a necessidade de se reafirmar porque se não se reafirmar vão enterrando a gente, a gente é soterrado. Então eu queria que chegasse um momento em que eu não sentia esse medo, que eu não precisasse ficar o tempo inteiro impondo, que as pessoas simplesmente não pensassem nisso. Mas não acontece, então cara qualquer briga por igualdade, por reconhecimento ela só existe porque não tá acontecendo essa igualdade. Se eu fosse igual a todos eu não precisaria brigar por igualdade. Essa necessidade de luta só existe porque a gente tá sendo oprimido. Se a gente não tivesse sendo oprimido não ia estar incomodado. É igual eu falei, quando eu era pequeno não me incomodava e graças a Deus eu não vivenciei muitas situações onde eu me sentia oprimido, onde eu me sentia diminuído. Então eu nunca precisei brigar, mas aí eu fui vendo outras pessoas passando por isso, e aí eu falei assim: Cara, eu também não posso deixar essa pessoa brigar sozinha. A partir do momento que eu reconheci que eu sou igual aquela pessoa, que eu posso passar pelas situações em que ela ta passando a briga é minha também. Eu não posso esperar chegar em mim para reagir, eu tenho que reagir antes, eu tenho que reagir enquanto ta acontecendo com outras pessoas para que isso nunca aconteça comigo.

Ramon iniciou sua identificação racial como um menino negro a partir de um episódio gerador de desconforto e bastante angustiante, ao perceber que a cor de sua pele era associada ao crime. É interessante perceber que o filme trouxe para o participante o antagonismo do que lhe foi apresentado antes sobre o que é ser preto. A forma de representação positiva do personagem permitiu o surgimento de novos sentidos subjetivos relacionados a si mesmo. Ou seja, podemos perceber o indicador de que ver um protagonista preto no filme permitiu que Ramon assumisse o próprio protagonismo na sua vida em uma postura de luta contra a opressão de um racismo estrutural e que o atinge de forma diversificada. Resumindo este acontecimento nas palavras de Munanga (2015, p. 43), “aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Ele reivindica-se com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano normal”.

Interessante também apontar o quanto Ramon expressa seu desgaste ao perceber que, na sua condição de preto de pele clara, existe uma necessidade de constantemente se auto afirmar negro a fim de ser reconhecido pelo outro. Esse desgaste, como expressado por Silva (p. 95, 2007), surge como o fruto de uma sociedade que, em vez da busca da igualdade de direitos para todos os indivíduos, persegue a “desconstrução de identidades étnico/racial/cultural, da autoestima e do reconhecimento dos valores e potencialidades do oprimido”. Nessa desconstrução são constantemente usados de maneira disfarçada recursos simbólicos da linguagem e da estética que buscam invisibilizar características da negritude que são ditas inferiores. Um exemplo clássico das tentativas de disfarce e que já foi repetidamente citado anteriormente, é a utilização de diversos símbolo que evitam o termo preto e negro, como por exemplo “pardo” como tentativa de nublar identidades.

Contudo, se pode perceber de maneira recorrente que o fluxo de sentidos subjetivos contraditórios na trajetória em meio às situações de discriminação e preconceito racial.

Ramon busca a todo tempo ser uma espécie de apoio para pessoas nas quais ele considera semelhantes a ele. É possível perceber que na sua vivência que esse amparo não ocorre de maneira frequente, como ele mesmo deixa claro ao dizer que estava cansado de esperar para ter alguém com quem se identificar. Esse papel de ser apoio para o sofrimento do outro que é igual, parece surgir para ele como um hábito gerador de conforto e que oferece sentido ao seu percurso identificatório.

Considerações Finais

Nesta pesquisa discutimos sobre o processo de identificação racial no contexto de miscigenação brasileira, buscando compreender os processos subjetivos que rodeiam a vivência de pessoas pretas no Brasil, com participantes na região do Distrito Federal, Brasília.

É interessante colocar que o termo negro passou por uma reinvenção no contexto brasileiro. A negritude se tornou um conceito dinâmico no movimento identitário, onde no âmbito ideológico é entendida como um processo de aquisição de consciência racial (Weschenfelder & Silva, 2018). Como resultado disso, o uso da palavra “pardo” surge problematizado nesta pesquisa, já que esse termo é interpretado como uma espécie de limbo racial, que não é representativo. E desta forma, na pesquisa pôde-se perceber que esse termo representa a negação da negritude, de maneira a suavizar a sua descendência e pertencimento racial.

Essa classificação racial que originalmente surgiu para poder identificar indivíduos mestiços, se tornou geradora de processos conflitivos dentro dos processos subjetivos que compõe o que é ser preto no Brasil. Considerando a grande diversidade de etnias existentes na população brasileira, o termo pardo parece mais uma homogeneização que não considera as diferenças de tonalidades e ancestralidades dos indivíduos, e que por vezes implica na existência de uma maior valorização de caracteres eurocêntricos.

A aceitação do corpo preto é também um processo crucial e inicial para as reflexões acerca da raça do indivíduo, já que a partir dele identifica as heranças da sua ancestralidade. Essas características corporais pretas são recorrentemente inferiorizadas visto que o padrão de beleza estabelecido culturalmente no Brasil ainda carrega vestígios da ideologia de embranquecimento racial. Tendo isso em vista, surgem diversos obstáculos em relação a superar o preconceito e desconstruir a noção de inferioridade estabelecida.

Também pode ser percebido o quanto as mídias exercem forte papel enquanto instrumento de identificação racial, servindo como um impulsionador de produções de sentidos subjetivos. No entanto, a mídia ainda é um espaço de baixa representatividade negra, revelando uma realidade de exclusão e de discursos discriminatórios velados. Contudo, a participação negra na mídia abre espaço para discussões e identificações que também servem como apoio durante o processo de autodeclaração, quebrando com o padrão hegemonicamente estabelecido de branquitude.

Essa pesquisa possibilitou compreender que as questões raciais que envolvem a cultura brasileira estão repletas de representações conflitantes do que é ser preto. Ainda é presente na subjetividade social de nosso país o peso do racismo estrutural sobre as formas de discurso. E mais especificamente, a presença do racismo também afeta o contexto familiar e conseqüentemente as produções de sentido subjetivos dos seus membros no que se refere a construção da sua identidade racial.

Se conclui que é preciso continuar a explorar o tema a partir de pesquisas que abarque as mudanças contemporâneas nas formas de autodeclaração, visto que como todo processo humano, este também se caracteriza por sua dinamicidade dentro dos fatores culturais, históricos e sociais. Assim sendo, essa pesquisa pretendeu abrir um espaço para compreender os processos subjetivos que envolvem a identificação racial preta no Brasil, servindo como base para mais estudos e explorações a respeito deste tema.

Referências

- Anderson, H., Goolishian, H. A. (1988). Human Systems as Linguistic Systems: Preliminary and Evolving Ideas about the Implications for Clinical Theory. *Fam Process* 27(4), 71-93.
- Dias, M. O. (2011). Um Olhar Sobre a Família na Perspectiva Sistémica o Processo de Comunicação no Sistema Familiar: O Processo de Comunicação no Sistema Familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156
- Gomes, N. L. (2019). *Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica.
- González Rey, F. (1997). La subjetividad social y su expresión en la enseñanza. *Temas em Psicologia*, 5(3), 95-107.
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os Processos de Construção da Informação*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F., & Martínez, A. M. (2017). *Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método*. São Paulo: Alínea.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Julio, A. L. (2011). Por uma visão psicossocial da autoestima de negros e negras. *Protestantismo em Revista*, 24, 62-64.
- Malta, R. B., Oliveira, L. T. B. (2016). Enegrecendo as redes: O ativismo de mulheres negras no espaço virtual. *Revista Gênero*, 16(2), 55-69.
- Matos, M. (2018). “Raça”, miscigenação e preconceito: Desafios actuais perante a evolução do pensamento social (e racial e nacional) brasileiro. *Portuguese Studies Review*, 26(1), 273-298.
- Monagreda, J. K. (2017). A raça na construção de uma identidade política: alguns conceitos preliminares. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 22(2), 366-393.
- Munanga, K. (2019). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Munanga, K. (2015). *Negritude: usos e sentidos* (3.^a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nascimento, A. do. (1978). *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Oliveira, I. F. D. (2019). *Versões de mulheres negras sobre a transição capilar: um estudo sobre processos de descolonização estética e subjetiva*. (Dissertação de Mestrado não publicada). PUC, Monte Alegre, São Paulo.
- Pereira, C. K. S. (2010). Negritude brasileira: construção social e suas metamorfoses. *Revista Eletrônica Correlatio*, 9(17), 86-109.
- Silva, A. C. da. (2007). Branqueamento e branquitude: conceitos básicos na formação para a alteridade. Nascimento AD, Hetkowski TM, (Org.). *Memória e formação de professores*, 87-101. Salvador: EDUFBA.
- Silva, T. (2017). *O colorismo e suas bases históricas discriminatórias*. (Dissertação de Mestrado não publicada). PUC, Monte Alegre, São Paulo.
- Sabino, G. de F. T., Lourenço, L. G. O., Silva, D. B. (2019), Racismo e representatividade da criança negra na literatura infantil: reflexões sobre o projeto de extensão e cultura “CONSTRUINDO A PRÓPRIA HISTÓRIA”. *Revista Zero-a-seis*, 21(39), 170-182
- Silva, D. A. (2016). “Para gostar de ser”: literatura negra, racismo e autoestima. *Signo*, 41(Especial), 88-94.

- Santos, R. E. (2015). O marxismo e a questão racial no Brasil: reflexões introdutórias. *Lutas Sociais*, 19(34), 100-113.
- Wade, P. (2005). Rethinking Mestizaje: Ideology and Lived Experience. *Journal of Latin American Studies*, 37(2), 239-257.
- Weschenfelder, V. I., & Silva, M. L. D. (2018). A cor da mestiçagem: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo. *Análise Social*, (227), 308-330.